

HISTÓRIA DA ARTE

A POP-ART — PROF. JOÃO VICENTE SALGUEIRO DE SOUZA

instituto de arte contemporânea

instituto de arte contemporânea

Do caríssimo amigo
Wlam
oferece o
particular
Rio, 16/12/1966

CURSO DE HISTÓRIA COMPARATIVA
DA MÚSICA E DAS ARTES VISUAIS

Promovido pelo
Museu Nacional de Belas-Artes

Patrocinado pela
Associação Brasileira de Museologistas

Rio - 1966

*Deposito
Biblioteca
Instituto de Arte Contemporânea*

Instituto de arte contemporânea

HISTÓRIA DA ARTE

" A POP-ART "

João Vicente Salgueiro de Souza

Conferência pronunciada no Museu Nacional de Belas-Artes em 10 maio 1966

Capa - Geysa Vargas dos Santos
Mimeografia - Januário Fonseca
Montagem - João Soares de Lima

Em nossa palestra de hoje vamos tratar de uma revolução cujos efeitos se fazem sentir até o presente momento pois, se é verdade que já perdeu um pouco de seu vigoroso ritmo inicial não é menos verdade que seus chocantes e surpreendentes efeitos ainda geram dúvidas no espírito do público e mesmo no dos críticos, e as exposições que ainda hoje se sucedem ensejam uma série de polêmicas que merecem, indubitavelmente, especial registro. Queremo-nos referir à famosa POP-ART também considerada por muitos como arte do escândalo criada exclusivamente com intenções propagandísticas pessoais e imbuída da idéia de chamar a atenção pelo bizarro ou extravagante. Entretanto, e isto é indiscutível, nenhuma concepção de arte, nenhuma tendência plástica é válida se não fôr alcançada após grande e estafante luta, se não fôr a resultante duma tensão, dum esforço de renovação ou duma dialética própria. E a POP-ART triunfou na Bienal de Veneza, XXXII, em 1964, acarretando, em decorrência, dois importantes fatos: - a consagração da nova arte americana que, pela primeira vez na História da Arte colocou os Estados Unidos em situação de vantagem perante a arte européia e a afirmação de nova tendência conceitual enraizada em princípios curiosos mas perfeitamente situados no quadro geral do mundo que a originou.

Com o grande prêmio da Bienal conferido a Rauschenberg estava originada a polêmica. Ouçamos a crítica que, estarecida e surpresa diante do patético da nova arte apresentada, dispôs-se incontinenti a destruí-la em seus fundamentos (com fizeram os críticos do impressionismo).

O jornal italiano "LA STAMPA" assim se expressou, logo após a inauguração da Bienal e referindo-se à Pop-art:

"Uma orgia do modernismo mais extremista domina a Bienal. Composições absurdas, feitas de matéria inerte e repul

siva, papel sujo, trapos, pedaços de madeira. E os museus são tão loucos para comprar tudo isso!"

Leonardo Borguese, crítico de arte do "Corriere della Sera" não poupou esforços no sentido de atacar e negar o valor da Pop e escreveu:

"Estamos indignados, sumamente indignados com a América do Norte porque se isto é a América do Norte, então ela é o símbolo da traição".

O jornal "Il Tempo" em sua coluna de arte, disse:

"esta é uma Bienal grotesca."

Mas houve críticos, como Dulio Murosini, do "Paese Sera" de Roma, que defenderam a POP-ART e o grande vencedor da famosa mostra de Veneza, Robert Rauschenberg. Entre nós, alguns críticos como Harry Laus (a quem quero agradecer o material ilustrativo desta palestra) e Quirino Campoficrito defenderam os valores plásticos da POP e contribuíram à sua disseminação e propagação, através de reportagens inteligentes e objetivas. Estava, portanto, estabelecida a polêmica, aliás, está estabelecida a polêmica e, conseqüentemente, o triunfo da POP-ART como afirmação de novo método formal contemporâneo, estruturado na maneira de viver da sociedade de nossos dias, suas ambições e gostos.

Como o próprio nome indica, POP-art vem de POPULAR-art ou arte popular. Foi assim batizada pelo diretor artístico do Museu Guggenheim, de Nova York, Lawrence Alloway, que foi também um de seus principais divulgadores, contribuindo para que ela adquirisse a fama de que desfruta no cenário artístico do mundo contemporâneo. Sob certo aspecto, a designação Popular-art não deixa de apresentar inconveniente pois dá inicialmente a impressão de que é uma arte do povo ou feita por um conjunto de artistas populares, integrados em determinada comunidade. No entanto, a intenção principal do nome consiste em designar uma arte feita para o povo e destinada a identificar a idéia formal com o gosto popular, quebrando o hermetismo de muitas escolas de arte moderna, demasiado intelectualizadas ou subjetivas e, portanto, fora da compreensão da

maioria do público. Trabalhando com objetos ou materiais de uso rotineiro ou cotidiano, buscavam os novos artistas estabelecer contacto direto com o espectador, libertando-se o mais possível de fórmulas abstratas ou ininteligíveis. O estilo POP é eminentemente realista, pois apresenta imagens facilmente reconhecíveis, identificadas com nossa vida de todos os dias e seus principais artistas, longe de serem meros improvisadores, como já se tem dito, são dotados de cultura refinada, adquirida em estudos meticolosos. Claes Oldenburg, por ex., é diplomado pela Universidade de Yale e pelo Instituto de Arte de Chicago. Robert Rauschenberg estudou profundamente a obra de Leonardo da Vinci e diz que uma das obras que mais o influenciou foi a Anunciação, tendo sido este quadro que despertou sua vontade de pintar segundo a forma atual que apresenta ao mundo. Nesta obra de Leonardo a árvore, o rochedo, a Virgem, todos têm a mesma importância ao mesmo tempo; não há hierarquia e é justamente isso que me interessa".

Entretanto, parece que a fórmula precípua da POP, ou seja, a de atingir o espectador de maneira direta, integrando-o no mundo em que vive, não foi conseguida senão parcialmente. Rauschenberg, como seu colega Jasper Johns, que são os pintores líderes do movimento e, indubitavelmente, artistas de vanguarda, têm sido chamados de neo-dadaístas, pop-artistas, hiper-cubistas, mesmo anti-artistas e, naturalmente, loucos desvairados.

É compreensível o movimento de revolta da maioria dos críticos e de grande parte do público em relação à nova estrutura da forma vitoriosa na mostra artística de Veneza. É que ela tenta subverter toda a estética anterior, mesmo as fórmulas mais recentes, pela apresentação chocante de novos meios de expressão, baseados em indiscutível contemporaneidade. Sua técnica artística, embora surpreendente, não constitui, a rigor, uma novidade, pois já havia sido posta em execução em épocas passadas da História da Arte. Emprega o método da colagem, ou seja, o inserção de materiais diversos estranhos à pintura, obras combinadas, no intuito de obtenção de determinado efeito.

Os artistas do grupo DADA, aparecido na Europa após a Primeira Guerra Mundial utilizavam, em suas obras negativistas, objetos e materiais estranhos como técnica artística fundamental. As famosas colagens do alemão Kurt Schwitters, intituladas MERZ, que empregavam os materiais mais estranhos e insólitos, desde detritos recolhidos ao lixo comum até papéis de embrulhos e bilhetes usados de ônibus, são exemplo característico. O próprio Schwitters, justificando o fundamento de sua obra declarava:

"- Tudo o que o artista faz é arte".

Outro artista, Marcel Duchamp, mandou para a exposição de Nova York um urinol a que denominou "fonte"; rejeitado pelo júri, o objeto de Duchamp causou grande sensação nos meios artísticos de então. Pertencem também à imaginação criadora do grupo DADA os famosos "ready-made", ou objetos todos feitos, que consistiam em objetos convencionalmente elevados à categoria de obras de arte.

Mas o movimento DADA, condicionado pelas circunstâncias caóticas que prevaleciam no mundo em que existiu, estava imbuído de idéias de completo niilismo, negadoras de todos os valores humanos e vivenciais que caracterizam os diversos períodos da história da civilização. As próprias declarações de seus integrantes põem de manifesto essa concepção negativista. Aragon, um dos literatos do movimento, escrevia:

"Nada de pintores, nada de literatos, nada de músicos, nada de escultores, nada de religiões, nada de republicanos, nada de socialistas, nada de políticos, nada de pátria, nada de polícia, basta de tôdas estas imbecilidades, nada mais. Nada, nada, nada, nada."

Tristan Tzara também externou sua opinião ao declarar:

"Escrevo este manifesto para mostrar que se podem fazer ao mesmo tempo ações opostas, numa só e fresca respiração; sou pela ação e pela contínua contradição também; não sou nem pró nem contra e não explico porque odeio o bom senso".

A mesma época, certo engenheiro imbuído das idéias do

DADA construiu complicadíssima máquina cuja função essencial era justamente a de não ter função nenhuma.

Portanto, o fundamento filosófico da arte DADA, através das próprias declarações de seus artistas, era a negação, a ilogicidade, o não-senso, a não-razão, a não-ordem, enfim, o anarquismo total e completo. A analogia existente entre o DADA e a POP-ART reside apenas em aspectos da feitura técnica da obra artística e não nas finalidades do emprêgo dos objetos. Enquanto o DADA destruía os valores humanos e universalistas, afastando o homem do mundo e lançando-o nos caminhos geradores do nada, a POP-ART, em oposição flagrante, aproxima o homem da realidade do mundo exibindo-lhe, através dos objetos, aspectos objetivos e humanos.

Mas a técnica da colagem ou da inserção, no suporte, de materiais estranhos à pintura, remonta ainda a épocas mais antigas e foi sobretudo empregada pelos pintores bizantinos que colocavam pedras preciosas em seus quadros, no intuito de aparentar riqueza. Acreditavam que a própria pedra no lugar da representação da pedra conferia à obra novos valores de enriquecimento, tornando-as mais suntuosas.

Essa técnica de colagem ou de junção de objetos no quadro, também chamada "art d'assemblage" ou "combine-painting" não é, assim, a rigor, uma novidade, mas é indiscutível que seu aproveitamento plástico e ritmico chegou às últimas conseqüências com as obras executadas e difundidas pelos mestres da POP-ART que criaram e desenvolveram, podemos dizer, toda uma teoria ou uma relação objeto-vida. Robert Rauschenberg, o vitorioso de Veneza e realizador das formas conceptuais da POP-ART foi o primeiro a reconhecer, como ressalta o crítico Alan Solomon, a necessidade de reconciliar arte e vida, pela quebra brusca da estética convencional anterior e pela aceitação da arte como significativa condição de vida. Os artistas, continua Solomon, devem observar as misteriosas propriedades dos objetos no mundo real e sua qualidade de funcionar de novas maneiras além daquelas para as quais foram especificamente construídos. Os objetos apresentam um romantismo peculiar, que não está condicionado ao seu sentido utili-

tático. As "coisas", chamemos assim os materiais de pintura, sofrem, quando aproveitadas artisticamente, como que um processo de recriação, que as isentam de seus respectivos conteúdos anteriores e lhes conferem nova dimensão plástica, con^{di}zente com a finalidade a que o artista se propõe, que é a de atingir o espectador popular, colocando-o em contacto com a vida.

Individualmente, os artistas POP diferem em seus estilos e meios de expressão, usando, cada qual, as coisas ou objetos que lhes parecem mais convenientes para expressar determinado fato ou narrar certo acontecimento. Robert Rauschenberg utiliza os mais diferentes elementos em suas obras, como pregos, relógios velhos, pedaços de ferro ou madeira combinados com reproduções de rostos de pessoas de projeção, fotografias de atrizes famosas, garrafas de coca-cola, papéis velhos coloridos, cordas, vidros e até mesmo animais. Num de seus mais conhecidos quadros aparecem materiais diferentes, inclusive uma águia e um travessão pendente da moldura, ou melhor, do suporte, e com o que obtém surpreendente efeito plástico. Definindo a sua obra, diz Rauschenberg:

"Um pintor deve ser um pesquisador. Eu desejo agregar à minha tela objetos ou fragmentos da vida, quaisquer que eles sejam".

Jim Dine, outro artista POP tem preferência pelas gravatas e camisas de nylon, adicionando-as a seus quadros.

Muito interessante foi a recente exposição de outro mestre da POP-ART, o americano Claes Oldenburg, realizada em Paris. Oldenburg, buscando inovar, expôs esculturas que figuravam os alimentos de gosto popular procurando, dessa forma, representar não abstrações ou formas de difícil inteligência mas simplesmente aquilo que está em contacto direto e permanente com as massas populares. Durante várias semanas, os espectadores que entravam na Galeria do Quai des Grands Augustins poderia ver bacon com ovos, ovos estrelados, ice-creams, sorvetes, enfim, uma grande variedade de alimentos representados sob forma de esculturas. Até o convite para a exposição teve cunho de originalidade, pois foi impresso em forma

de picolé com uma pequena mordida na ponta. A mostra de Claes Oldenburg despertou espanto e curiosidade geral, ensejando grandes divergências quanto ao valor artístico que poderia representar. Oldenburg, ao explicar o fundamento de sua obra, diz:

"Somente me interessa pela experiência humana. E isso significa contacto com o objeto. Meu trabalho é a objetivação de minhas relações com o mundo. Por isso, eu tento compor as formas elementares, que são tão certas como o universo".

Verificamos, ao tomar conhecimento de tais exposições que o elemento comum é o emprêgo sistemático de objetos de uso corrente, utensílios empregados pelo homem em sua vida rotineira. É preciso lançar as bases de novas normas estéticas, vinculadas ao existir do homem atual e identificadas com um realismo visual simples. Vivemos num mundo de objetos e com eles mantemos permanente contacto: roupas, vestidos, relógios e uma série de outros que seria fastidioso enumerar. Ora, cada objeto dêesses apresenta beleza e poesia próprias e, quando aproveitados artisticamente, perdem sua função primitiva e adquirem novo conteúdo, novo significado, de que se vale o artista para sugerir o binômio vida-objeto. A visão POP do mundo é realista e verdadeira pois se liberta das normas clássicas da arte tradicional, preocupando-se com a liberdade criadora para captar as belezas do mundo.

Em decorrência de seus princípios estéticos, desembarçados de imposições passadas, a POP transformou radicalmente o conceito de pintura o que, sem dúvida, chocou a maioria da crítica e do público que estavam identificados, pelo hábito ou costume, com as formas anteriores de pintura, legadas por épocas passadas e cujo existir histórico e social divergia das condições de nossos dias.

Para o artista POP, o conceito clássico de quadro a óleo ou escultura de talhe pertence já à história. Não se trata mais de pintar o objeto, representando-o segundo os artificios ilusórios da perspectiva. O objeto ou a coisa é diretamente inserido no suporte, sugerindo sensações e emoções con

dizentes com um realismo ótico vigoroso. O objeto em si e não a sua representação dialoga mais realisticamente com o espectador. Podemos chamar a POP-ART de arte objetual ou pintura e escultura vivenciais, dadas as suas ligações diretas com o mundo em que vivemos. É a coisificação da pintura, isto é, coisas colocadas no suporte, ao invés de coisas representadas no suporte. Referindo-se ao artifício da perspectiva na pintura, assim se expressa Rober Rauschenberg:

"Minhas telas têm o valor da realidade. A perspectiva, em certo momento, já foi uma atualidade. Agora, nós sabemos que é uma ilusão. Da mesma maneira, meus quadros ou combinações são, agora, atualidades. Eu vivo no presente e procuro celebrar o presente utilizando todos os meus recursos".

Outro aspecto curioso na arte POP é aquele que diz respeito à perenidade dos materiais empregados nas obras, isto é, a sua sobrevivência em relação ao tempo, a-fim-de que possam ser vistas e analisadas por gerações futuras, como nós hoje vemos e analisamos os trabalhos executados por grandes mestres do passado. Empregando materiais orgânicos, facilmente deterioráveis, como animais, roupas, cabelos, travesseiros, etc... é lícito supor que tais objetos se estraguem rapidamente, retirando à obra de arte o seu caráter duradouro, importante para assinalar e definir a época histórica que lhes condicionou a forma. Impõe-se, logicamente, uma reformulação dos processos técnicos, buscando novos recursos científicos que permitam atingir essa finalidade. Os artistas POP têm tentado diferentes soluções. O brasileiro Darcy Penteado, por ex., emprega cuidadosos tratamentos no intuito de obter a permanência da obra. Quando usa cabelos ou pedaços de pão em seus quadros (pintor tem de ser químico e pesquisador científico) esses materiais são prévia e completamente desidratados e, em seguida, impermeabilizados com resina plástica, o que permite obter a desejada longevidade.

Terminando, acrescentemos ser ainda um pouco cedo para situarmos com clareza os valores transcendentais e universalistas que marcarão, em definitivo a POP-ART no quadro geral da H. da Arte. Como salienta Alan Solomon o que é perdurável e geralmente significativo nesta nova forma de arte há de demorar um pouco ainda em ser totalmente compreendido.

- 1.** PROFESSOR ALFREDO MELLO
- 2.** PROFESSOR ALMIR PAREDES CUNHA
- 3.** PROFESSOR CARLOS CAVALCANTI
- 4.** PROFESSOR MONSENHOR GUILHERME SCHUBERT
- 5.** PROFESSOR MARIO BARATA
- 6.** PROFESSORA REGINA M. REAL
- 7.** PROFESSOR JOÃO VICENTE SALGUEIRO DE SOUZA